Apresentação

Jozimar de Paes Almeida

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALMEIDA, JP. *Biodiesel o “Óleo Filosofal”*: desafios para a educação ambiental no caldeirão do “desenvolvimento sustentável” [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 6-10. Apresentação. ISBN: 978-85-7982-027-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

As máquinas fazem o que nós fazíamos, agora elas comem o que nós comemos.

Tivemos como objetivo principal de nosso trabalho expressar uma contribuição para efetivação de consciência ambiental, por intermédio de reflexão histórica buscando analisar o Programa Nacional de Produção e uso do Biodiesel (PNPB) do Ministério da Ciência e Tecnologia, gerado, ao nosso ver, pela inspiração dos preceitos do “desenvolvimento sustentável que preceitua o crescimento econômico como solução para problemas sócio-ambientais.

Estamos fundamentados nos princípios do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, o qual expressa esta educação como um direito de todos, tendo como base o pensamento crítico, inovador, holístico e interdisciplinar para formar cidadãos democráticos com consciência local e planetária, na transformação e construção da sociedade, como um ato político que vise respeitar a autodeterminação dos povos.

Pretendemos, assim, com o nosso trabalho contribuir para a constituição de uma consciência ambiental, entendendo como desafios a serem enfrentados as dificuldades em se analisar um problema de essência interdisciplinar, o PNPB, pois o mesmo ao ser aplicado e estudado, se refere aos diversos campos do conhecimento: economia, ecologia, política, engenharia, química, história e educação ambiental entre outros. Como nossa formação acadêmica está situada preferencialmente nestes dois últimos campos, a eles vamos nos fundamentar com mais frequência.

Pedimos antecipadamente licença ao nosso leitor, para usarmos em determinados momentos uma linguagem metafórica, pois esta congrega o poder de expressar mais intensamente uma denúncia e análise de uma política governamental energética que, como um espetáculo, pressupõe a “dissolução no ar” dos complexos problemas de nossa sociedade.

Como resultado, prevíamos a elaboração deste material científico que expressa o percurso teórico-metodológico e a análise desenvolvida em relação ao tema e seus documentos, apresentado assim, as estratégias realizadas na abordagem de caráter interdisciplinar de cunho sócio-

ambiental e, as possibilidades de estudo de um assunto, biodiesel, que se tornou um “majestoso” símbolo de programa de governo no Brasil.

Nosso parâmetro espaço-temporal esteve delimitado pela Lei Nº 11.097, de 13 de janeiro de 2005, fundadora de um Programa Governamental para o uso do biodiesel no Brasil. Isto não significa necessariamente, que não possamos nos enveredar além deste limite, mas nos estabelece uma referência básica para o estudo do problema escolhido.

O programa do biodiesel veio a tornar-se a representação simbólica de um “Óleo Filosofal”, recuperando na contemporaneidade o sentido da busca dos alquimistas de outrora, que visualizavam na forma da famosa “pedra”, os elementos mágicos com o poder de transformar em “ouro”, os objetos por ela tocados.

Constituem esta representação: o Programa de governo, os discursos políticos, as análises científicas, que realizam o efeito de respaldar em elucubrações encantatórias a abertura do segredo de Sésamo, o qual estabelecerá a resolução dos problemas brasileiros de produção, industrialização e consumo de combustível. No caso um biocombustível, o biodiesel, com o poder de solucionar um conjunto articulado de problemas de ordem sócio-econômica e de meio ambiente.

A atividade governamental sobre o biodiesel expressa o estabelecimento no Brasil de um Programa de produção em larga escala, que procura se auto-justificar argumentando que, incorporará a mão-de-obra familiar elevando a sua qualidade de vida, diversificará a produção agrícola segundo os tipos de plantas nas diferentes regiões do país, ocupará terras desgastadas pelo uso intensivo e depredatório de práticas de agropecuária, estabelecerá à produção autônoma de energia em locais distantes incorporando estas comunidades a rede de comunicação e cidadania no território nacional, aproveitará de uma tecnologia disponível para a produção de biocombustíveis derivada da experiência com a produção agroindustrial do álcool, eliminará os problemas de poluição na substituição dos combustíveis fósseis os quais ainda possuímos uma pequena dependência de importação (10%), gerando e aproveitando assim importantes recursos: terra, mão-de-obra, tecnologia, mercado consumidor².

² Ministério da Ciência e Tecnologia, Vantagens do Biodiesel para o Brasil <http://www.biodiesel.gov.br/> acesso em 24/04/2007.

Enfim, parecendo como um Programa mágico e que este, ao se pronunciar a palavra “biodiesel”, a mesma agiria como se fosse sinônimo da expressão mística “abracadabra”, resolvendo-se assim, profundos problemas sócio-ambientais. Entendemos que não estamos mais no tempo dos contos da Carochinha, mas que estas influências ilusórias continuam a nos afetar, desta forma, vamos buscar na ciência instrumentos e possibilidades de analisar o assunto, esperando que amarrados no mastro da nau, como Ulisses, possamos aprender a separar “o joio do trigo”, mesmo ouvindo o “Canto da Sereia”. Em nossa pesquisa muitos autores nos auxiliaram com suas críticas sobre o biodiesel, vamos procurar equacioná-las no decorrer deste trabalho.

Para a realização de nossa análise utilizamos o seguinte pressuposto metodológico em relação aos documentos:

[...] a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que apenas deixa rastros: ela procura definir no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações³.

Analisamos, portanto, os documentos e as condições e interesses histórico-sociais em que os mesmos foram produzidos, implantados e disseminados nos servindo como referência teórico-metodológica. Assim, este manancial de fontes que nos serviram como fundamentos para a realização da pesquisa é constituído por um conjunto de leis e normatizações, dados estatísticos, livros, artigos científicos, de imprensa escrita e documentos eletrônicos veiculados pela hiper-mídia.

Alertamos ainda, que por se tratar de um tema atual e, com grande volume de disseminações utilizamos esta última fonte de pesquisa, com mais frequência pela rapidez da divulgação das pesquisas e críticas

³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995, p. 7-8

socioambientais sobre o tema. Estamos no meio deste caldeirão em plena ebulição e nele estaremos produzindo e recebendo suas emanções como correspondentes de guerra atolados em trincheiras varridas por metralhadoras.

Neste contexto o nosso pressuposto teórico concebe o ser humano como sujeito e produto de sua própria ação e reprodução. Desta forma, na natureza o homem é um componente que através de um processo dialético gerado pelo trabalho, dá forma tanto a matéria natural exterior ao seu corpo, como também se transforma corporalmente e mentalmente, isto é, elabora sentidos, constrói valores neste processo dinâmico e reflexivo.

Estabelecer preço, medir valores, imaginar equivalências, trocar – isso ocupou de tal maneira o mais antigo pensamento do homem, que num certo sentido constituiu o pensamento: aí se poderia situar o primeiro impulso do orgulho humano, seu sentimento de primazia frente aos outros animais⁴.

Para sua sobrevivência, necessariamente o homem relaciona-se com a natureza constituindo um processo desestabilizador, pois não retira somente o necessário (ar, água, alimento) para sua reprodução física, mas para satisfazer necessidades que são socialmente fabricadas, as quais surgem com o crescimento da divisão e estratificação social no interior dos grupos humanos. Esta relação do homem sobre o meio ambiente é resultante de fatores históricos, de como o homem se organiza para produzir no processo dinâmico da sociedade: estruturação de classes, tecnologia, cultura, linguagem.

Neste sentido, “a raiz do homem é o próprio homem”, e a natureza humana é sempre o reflexo das relações sociais, das mediações sociais ou das condições de vida que se estabelecem entre os seres humanos na produção da existência, inclusive a interioridade do homem, a que se produz no nível da consciência, a sua subjetividade⁵.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*, São Paulo: Brasiliense, 1988, pp.73 (grifo do autor).

⁵ FRANCO, Maria Ciavatta. Educação ambiental : Uma questão ética, In: Cadernos CEDES, (29) Campinas: Papirus, 1993, pp.14. (grifo da autora).

Permitimos-nos, neste ensaio usar abertamente a linguagem da metáfora⁶, mas esperamos saber dosá-la adequadamente como um recurso estilístico que opera possibilidades de interpretação e expressão em um mundo dinâmico e interativo.

Lévy-Leblond, nos auxilia na circunscrição da linguagem e da importância ambígua que a metáfora comporta e se expressa na narração, por não se tratar de uma equação matemática:

O grande livro da natureza, diz Galileu, está escrito em linguagem matemática; esse é certamente um programa radical e fecundo na prática científica. Mas tal enunciado não deve nos iludir: trata-se, no melhor dos casos, do livro de contabilidade da natureza, não de seu livro de contos. A narração, necessária à compreensão, não pode ser comparada a uma tradução [...] Não há dúvida de que numerosas palavras são necessárias onde uma equação parece bastar, assim como uma frase jamais terá a unicidade nem a eficácia de uma fórmula. Mas essa lentidão e essa ambiguidade são precisamente o que mais falta hoje em dia, principalmente aos próprios cientistas⁷.

Copérnico retirou de nossos pés, a Terra, até então entendida, como o Centro do Universo. Foucault nos remeteu a compreensão da linguagem como fundadora dos homens, Mignolo nos adverte sobre o uso da mesma como forma de poder:

A “ciência” (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da língua; as línguas não são meros fenômenos “culturais” em que os povos encontram a sua “identidade”; são também o lugar em que o conhecimento está inscrito. E, uma vez que as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo que os seres humanos são, a colonialidade do poder e do saber veio a gerar a colonialidade do ser⁸.

Se buscamos, resistir a esta colonialidade do ser, gerada pela colonialidade de poder e saber inscrita na ciência cartesiana, poderemos expressar nossa identidade cultural através de um jogo de linguagem

possibilitado no uso da metáfora, aproximando-nos da poesia e permitindo-nos a realização de uma reflexão inspirada na constelação dinâmica de ligações e colisões entre os elementos pluridimensionais constituidores do universo.

⁶ Influência recebida em nossa participação acadêmica nas atividades dos participantes do grupo de pesquisa – Makários.

⁷ LÉVY-LEBLOND, Jean. *O pensar e a prática da ciência: antinomias da razão*, Bauru: Edusc, 2004, p.26.

⁸ MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica, SANTOS, Boaventura de Souza. (org)